

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

HEBERT VILAS BOAS DE OLIVEIRA RODRIGUES

**“PARECE NOVELA, NÉ?!” - UMA ANÁLISE SOBRE RACISMO NA
TV: NOVELA SEGUNDO SOL**

**VOLTA REDONDA
2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**“PARECE NOVELA, NÉ?!” - UMA ANÁLISE SOBRE RACISMO NA
TV: NOVELA SEGUNDO SOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda do UniFOA como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Publicidade e Propaganda.

Aluno:

Hebert Vilas Boas de Oliveira Rodrigues

Orientadora:

Professora Mestra Stella Arantes Aragão

VOLTA REDONDA

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado “PARECE NOVELA, NÉ?!” - UMA ANÁLISE SOBRE RACISMO NA TV: NOVELA SEGUNDO SOL elaborado por Hebert Vilas Boas de Oliveira Rodrigues, apresentado publicamente, através da plataforma virtual TEAMS link: <https://web.microsoftstream.com/video/d1f1e0ca-b387-4f43-9a12-cbdbea8156c4> conforme **Resolução CONSEPE nº 067 de 24 de agosto de 2020**, envio pelo e-mail Institucional, no ambiente virtual Microsoft Teams, perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Publicidade e Propaganda.

Aprovado em 09 de novembro de 2020.

Banca Avaliadora:

Professor(a) orientador(a)

Stella Arantes Aragão, Mestra, UniFOA

Professor(a) avaliador(a)

André Luiz de Freitas Dias, Doutor, UniFOA

Professor(a) avaliador(a)

Rogério Martins de Souza, Doutor, UniFOA

À todos os meus que lutam
incansavelmente a favor da nossa raça.

Agradeço, primeiramente, a Deus e ao universo por me permitirem viver o melhor todos os dias.

Aos meus ancestrais, que através de muita luta me permitiram viver neste tempo e contribuir com esta pesquisa. É por vocês!

Aos meus familiares, em especial, a minha avó Maria Ruth Vilas Boas e minha irmã Larissa Cândido Rodrigues, que me motivaram a persistir em meio as adversidades. Esta conquista também é de vocês!

Aos meus amigos, que me apoiaram, me incentivaram e foram meu alicerce em momentos de fraqueza. Vocês foram essenciais!

À minha orientadora, Stella Arantes Aragão, por ser não só uma mentora, mas também uma amiga tão prestativa, dedicada e atenciosa. Você foi fundamental!

À todos os professores, em especial, à professora Clarisse Netto Rezende, que auxiliaram em minha jornada universitária.

“O pensamento é a força criadora! O amanhã é ilusório porque ainda não existe. Hoje é real! É a realidade que você pode interferir [...] Não espere o futuro

*mudar sua vida, porque o futuro será
consequencia do presente!"*

Trecho da canção "A Vida É Desafio" de
Racionais MC's

RESUMO

Com o aumento de manifestações em prol da diversidade, sobretudo a luta antirracista, a demanda por mais identidade que representasse a parcela majoritária do Brasil em produções televisivas vem crescendo e causando impacto no âmbito social, cultural, político e midiático. Este projeto tem como tema central o Racismo na TV, tendo como objetivo explicar os mecanismos utilizados que podem contribuir para a manutenção do racismo no Brasil por meio de programas de entretenimento na TV, analisando a novela *Segundo Sol*. Acredita-se que o modelo eurocêntrico e arcaico, bem como também, o discurso em suas produções em que a TV foi fundamentada em seus primórdios, ainda se faz presente nos dias atuais fazendo com que a massa seja influenciada por suas ideologias. Em busca de atingir os resultados almejados, os procedimentos adotados neste trabalho constituíram-se em um levantamento bibliográfico e análise do discurso não-verbal em três níveis: social, cultural e histórico. Com esta pesquisa foi possível elucidar a problemática central do tema, no qual, as preferências entre os sujeitos para atuar no âmbito televisivo brasileiro não são correspondentes à atual população do país.

Palavras-chave: Racismo. TV. Entretenimento. *Segundo Sol*.

ABSTRACT

With the increase of manifestation in favor of diversity, especially the anti-racial struggle, the demand for more identities that would represent the majority of Brazil in television productions have been growing and causing an impact in the social, cultural, political and media sphere. This project has as its central theme “Racism on TV”, aiming to explain the mechanisms used that can contribute to the maintenance of racism in Brazil through TV entertainment programs, analyzing the soap opera “Segundo Sol”. It is believed that the Eurocentric and archaic model, as well as the discourse in its productions on which TV was founded in its beginnings is still present, making the masses continue to be influenced by their ideologies. In order to achieve the desired results, the adopted procedures in this work consisted of a bibliographic survey and analysis of non-verbal discourse at three levels: social, cultural and historical. With this research it was possible to elucidate the central problem of the theme, in which the preferences among the actors in the Brazilian television scenarios do not correspond to the current population of the country.

Keywords: Racism. TV. Entertainment. Second sun.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MÉTODO.....	17
3 O LUGAR DO PRETO É AONDE?	19
3.1 Preto, seu lugar é no mercado!.....	19
3.2 Preto, seu lugar já está reservado!	21
3.3 Novela e entretenimento: A população preta e seu lugar	23
4 O RACISMO NÃO EXISTE NA TV!	27
4.1 Preto, em qual papel estereotipado irá atuar desta vez?	27
4.2 Discurso imagético: A Escrava Branca (Escrava Isaura).....	34
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO: SEGUNDO SOL E A BAHIA BRANCA DA GLOBO	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Participantes do concurso à nova Globeleza 2014.....	21
Figura 2: Mobilização de apoio à Nayara Justino no Twitter.....	22
Figura 3: Mobilização da Equipe do JN de apoio à Maju Coutinho.....	23
Figura 4: Sérgio Cardoso e Ruth de Souza em A Cabana do Pai Tomás, 1969.....	26
Figura 5: Taís Araujo e Reynaldo Giannechini em Da Cor do Pecado, 2004.....	27
Figura 6: Cacau Potássio como Zezé em Avenida Brasil, 2012.....	28
Figura 7: Rodrigo Sant'anna como Adelaide em Zorra Total, 2012.....	30
Figura 8: Luceia Santos em Escrava Isaura, 1976.....	31
Figura 9: Bianca Rinaldi em Escrava Isaura, 2004.	32
Figura 10: Print da postagem da página do facebook Trick Tudo.....	37
Figura 11: Média dos personagens brancos por ano.....	38
Figura 12: Média dos personagens brancos e pretos.....	39
Figura 13: Números de diretores.....	41
Figura 14: Números de roteiristas.	41

1 INTRODUÇÃO

Na comunicação, a mídia, que tem por finalidade a divulgação de conteúdos e transmissão de diversas informações, pode ser compreendida como um dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)¹ que, por sua vez, funcionam baseados em uma ideologia atuando pela sua capacidade de convencimento (jornalismo) e/ou sedução (publicidade). Além de buscar sempre o apelo do entretenimento, perpetuando na maioria das vezes valores capitalistas através de discursos.

Segundo a pesquisa realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) denominada Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) em 2016², nove a cada dez brasileiros com 16 anos ou mais de idade que fazem parte das classes sociais A, B ou C usam a mídia para se informar. A pesquisa demonstra qual o meio de comunicação preferencial dos brasileiros: a TV é o meio mais utilizado para se informar (89%), seguido da Internet (49%), Rádio (30%) e Jornais e Revistas também são bem utilizados (13%), é importante ressaltar que a mesma pessoa pode se informar em mais de uma plataforma, o que justifica a superação dos 100%. É válido, também, para este estudo que a pesquisa também revela a popularidade e preferência dos brasileiros quanto às emissoras televisivas: a TV Globo é a emissora mais utilizada para se informar com 69,8%.

É de extrema relevância ter a ciência de que a população *preta*³ ocupa o maior percentual dentro da formação social brasileira. Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) denominada Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) em 2015, os pretos representam 53,92% da população do país, seguido por brancos (45,06%), amarelos (0,47%) e indígenas (0,38%), que por sua vez, também consomem as informações que são

¹ São aparelhos que, por intermédio de uma ideologia, segundo Althusser (1985), reproduzem as relações de produção na sociedade capitalista atual. Compreende-se, também, como AIE as instituições privadas, como: igreja, escola, instituições jurídicas, a instituição familiar, os sindicatos, partidos e os meios de comunicação (inclui-se a mídia, o rádio, a TV e entre outros).

² Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>>. Acesso em 19 abr. 2020.

³ Embora a tradução na língua portuguesa do termo originalmente criado “Black”, como forma de resistência e conscientização de se distanciar de termologias do período colonial, fora ressignificado para *negra(o)* opto por utilizá-lo em sua originalidade pois reforça uma autodefinição e identidade política com uma história de luta por igualdade e não de desumanização (KILOMBA, 2019, p. 16-17).

propagadas pelos meios de comunicação, especificamente o meio abordado neste trabalho em questão: a TV.

De forma sucinta, a TV teve seu início no Brasil nos anos de 1950. A indústria brasileira já se encontrava em processo de crescimento e nesta época, conhecida como *“Era de Ouro”*, o meio de comunicação mais enérgico era o Rádio, que por mais que fosse considerado um meio de comunicação de elite, já explorava o entretenimento como forma de lazer e informação para sociedade: notícias, serviços, radionovelas, programas de auditórios e etc.

Com a chegada da TV no Brasil e com o seu avanço instantâneo, os programas de rádio começaram a se formatar para o meio televisivo. Esta época ficou conhecida como o *“Fim da era de ouro”*. No entanto, o Brasil ganhava uma nova forma de receber informação, que também era considerado um artigo de luxo. Ao final da década de 50, já tínhamos diversas emissoras no ar, e com isso, a TV ganhava o seu espaço no meio massivo de comunicação, que continuou a se desenvolver gradativamente a partir das mudanças tecnológicas desenvolvidas para este veículo. Os anos 60 consolidam a TV no Brasil e, na disputa pelas verbas publicitárias, ela assume, definitivamente, o seu caráter comercial: inicia-se então a concorrência pela audiência. Na década de 70, as transmissões começam a ganhar cores, porém, sob regras impostas pelo governo da ditadura civil-militar, ou seja, entra-se na fase da censura prévia ao conteúdo de programas de todos os gêneros, no qual as emissoras tiveram que se adaptar ao modelo institucionalizado para que seus recursos não fossem em vão, para evitar gastos com produções que possivelmente seriam vetadas pelos órgãos censores.

A lógica do entretenimento não se distancia da mercadologia e, portanto, se perfaz em questões do lucro e não há como criar separações, em termos de método, para se tratar um ou outro. Surge aí uma brecha para o surgimento do racismo na mídia. Almeida (2018) diz que o

Racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. (ALMEIDA, 2018. p. 25)

Neste sentido, o autor enfatiza o racismo como uma reprodução sistêmica de desigualdade que subdivide-se em duas formas, a saber: institucional e individual. Este trabalho tem como objetivo geral verificar como a mídia pode colaborar para a manutenção do racismo no Brasil, ainda que em seu caráter estrutural que segundo o autor pontua que “os comportamentos individuais e os processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2018, p. 38), por meio de programas de entretenimento na TV Globo com base em conceitos e teorias da comunicação.

Com o andamento da pesquisa inicial, no desenrolar das fases necessárias para ambientar a leitura em seus aspectos sociais, culturais e históricos, tomamos como base dois objetivos específicos norteadores. São eles: a) compreender como se caracterizam os discursos e as representações das relações raciais entre brancos e pretos na TV; e b) conceituar as práticas como *Whitewashing*, *Bleaching*, Apropriação cultural e o *Blackface*, identificar como elas são utilizadas e como podem fortalecer o apagamento da cultura afro brasileira através de programas de entretenimento da TV Globo.

Este trabalho se perfaz considerando o crescimento das movimentações da população preta no Brasil, principalmente em prol da sua construção social considerando desde o período colonial, onde ainda que escravizada e julgada a ser uma mercadoria, como forma de indignação e protesto, deram início ao *movimento negro* no Brasil, até os dias atuais e a importância de realizar estudos envolvendo a bagagem histórica racial para a formação da consciência de uma nação. Assim, esse intuito se coloca como forma de tornar esse debate relacionável com a publicidade, sobretudo no que concerne a TV, uma vez que, ainda, esta se encontra fundamentada em formatação ultrapassada e eurocentrada, que fora marcada pela divisão racial e, por tal, torna-se essencial desenvolver conteúdos acadêmicos a respeito do tema.

Como propósito da pesquisa, este trabalho irá analisar um programa de entretenimento realizado pela TV Globo, a saber, a Novela Segundo Sol (2018), que foi alvo de duras críticas nas redes sociais *on-line* e que fez a emissora ser notificada pelo Ministério Público do Trabalho, por não coincidir o elenco/personagens com a realidade da temática passada. Assim, a análise do

discurso, em sua modalidade de análise do não-verbal, se dará em três níveis, a saber: cultural, social e histórico. Estes três níveis de relação serão desenvolvidos a partir de uma análise inicial do elenco da novela Segundo Sol em comparação com o Senso 2020 específico da cidade de Salvador/BA pois, para que obtenha êxito na produção de modo que se aplique uma possível leitura ideológica é preciso que em seu discurso exista coesão e coerência. Fairclough (2001) diz que se

Entende discurso como uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial, tanto propenso ao moldamento ideológico e linguístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos; ora ele se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, resignificando-as, reconfigurando-as. Desse modo, a língua é uma atividade dialética que molda a sociedade e é moldada por ela.

O autor enfatiza a importância e poder que o discurso é capaz de atingir. No entanto, no caso em questão mostraremos que, através do discurso, a problemática pode ser sanada e, quiçá, remodelada nas formas com que os meios de comunicação e a mídia – sobretudo a TV – podem utilizar a divulgação de conteúdos e transmissão de diversas informações.

2 MÉTODO

De modo que se trabalhe a relação entre língua, discurso e ideologia, como postula Pêcheux (1975), não há discurso sem ideologia, somente assim, a língua faz sentido. Assim, explica-se o uso do método de análise do discurso, mas opta-se, pelo caráter da pesquisa, por um formato que seja específico dos discursos não-verbais.

A junção dos métodos escolhidos, então, será feita a partir da execução da análise do discurso, em capítulo próprio de resultados e discussão, e será contemplada em consonância com as perspectivas dadas pelo levantamento bibliográfico dos primeiros capítulos da monografia. Os conceitos retirados dessa pesquisa de caráter bibliográfico serão compreendidos de forma a aproximar os resultados, dentro dos limites colocados pela análise do discurso não-verbal. Isso se dá, preferencialmente, a partir da noção de que “ao se pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem, dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem (...) a palavra fala da imagem, descreve e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual” (SOUZA, 1998, s/p). É por essa questão, então, que se coloca o caráter não-verbal do método, já que é preciso compreender o discurso imagético de uma forma peculiar, ainda que entendido enquanto discurso.

Na mesma medida, a escolha pelas três instâncias da análise se dá pelo reconhecimento de que

O trabalho de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, vai pressupor também a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos. E vai relevar de que forma a relação imagem/interpretação vem sendo “administrada” em várias instâncias (SOUZA, 1998, s/p).

Compreende-se a organização da pesquisa, de uma forma mais objetiva, em níveis de análise organizados da seguinte forma:

- I. **1º etapa:** análise do elenco, em comparativo com o Senso 2020 específico de Salvador – BA.
- II. **2º etapa:** relacionar do resultado da análise da primeira etapa com os conceitos subtraídos da pesquisa cultura, mais especificamente o que

se refere ao processo de deculturação e apropriação cultural; relacionar o resultado da análise primeira etapa com o social, seguindo o histórico das novelas e formas de retratar a população preta; relacionar o resultado da análise da primeira etapa com o histórico, abrangendo os paradigmas da teoria da comunicação e história de colonização e escravagismo.

- III. **3º etapa:** colocar essas três relações realizadas na segunda etapa em consonância com a formação social dos sujeitos, com o intuito de criar conclusões mais sofisticadas a nível da compreensão do discurso não-verbal.

Seguindo esse raciocínio, os capítulos deste trabalho irão abordar os conceitos de publicidade e TV relacionados intrinsecamente com a temática abordada sobre a novela *Segundo Sol*, o racismo, de forma que ilustre claramente todo o cenário analisado. Por fim, será realizado o estudo de caso aplicando conceitos anteriormente apresentados. É importante ressaltar que, na medida em que construiremos os argumentos aqui propostos, será necessário, também, uma breve exemplificação a partir de outros casos para ilustrar o cenário que se coloca.

3 O LUGAR DO PRETO É AONDE?

Para começarmos a analisar as estruturas de discurso dentro da comunicação, relacionadas às questões históricas, adentramos, primeiramente, no espaço sociocultural da construção de produções que se movimentam para encurtar a permanência da população preta no que é voltado ao entretenimento. Essa questão se dá mesmo quando a produção demanda uma participação intensa de pessoas que refletem, de fato, a vida que se tenta encenar. No caso aqui estudado, iremos dar luz ao que permite a esta dinâmica nos dias atuais, a novela produzida pela emissora Rede Globo, se coloca como um claro exemplo do que a população preta luta há séculos dentro do território brasileiro.

3.1 Preto, seu lugar é no mercado!

De forma sucinta, em tempos de colonização no qual deu início a primeira economia do país, o que mobilizou cada vez mais o comércio clandestino – o que mais tardar o *tráfego negro*⁴ seria motivado – os portugueses usavam a mão-de-obra nativa, de modo forçado, para a extração de matéria-prima, além de também, motivar a mudança cultural e religiosa dos mesmos. Dado ao crescimento de matérias-primas no país, o aumento da demanda e a concorrência europeia, os africanos foram trazidos ao Brasil e escravizados pelos colonizadores que contribuiu para a *miscigenação*⁵ e a formação identitária do país, o que fez com que Gilberto Freyre se inspirasse para criação de uma de suas obras que cogita a possibilidade de uma sociedade livre do racismo por conta das proximidades entre as raças, no qual, foi posta em xeque por muitos e serviu de embasamento, se não analisada em âmbito de poder e dominação, para possíveis opiniões no qual se diz respeito à inexistência do racismo.

O Brasil foi o país do continente americano que mais recebeu escravos e, o último a abolir a escravidão. Porém, no meio de ambos os eventos, a população que fora escravizada, se uniu e organizou diversos movimentos como forma de resistência e protesto para que a escravidão fosse desguarnecida. Embora exista poucas fontes publicadas mostrando o ponto de vista dos escravizados, cito a

⁴ Nome dado ao envio de africanos na condição de escravizados durante o período colonial.

⁵ Relações interracialis.

biografia de *Mahommah Gardo Baquaqua*, que nos mostra como era ser um escravizado, para evidenciar possíveis práticas de apagamentos culturais em detrimento da escravidão, que nos leva de forma clara a objetificação o corpo preto para o mercado:

Na África, as nações das distintas partes do território têm seus modos diferentes de cortar o cabelo e são conhecidas por essa marca, a que parte do território pertencem. Em Zoogoo, o cabelo de ambos os lados da cabeça é raspado e, em cima da cabeça, da testa até atrás, deixa-se o cabelo crescer em três mechas redondas que ficam bem cumpridas mantendo-se os espaços entre elas raspados rente à cabeça. Para alguém familiarizado com os diferentes cortes, não há dificuldade em reconhecer a que lugar um homem pertence. (Editora Uirapuru, 2017, p.270)⁶

Baquaqua nos relata que no período em que fora escravizado, além de muita tormenta e dor, os europeus se esforçavam para apagar as identidades dos escravizados cortando seus cabelos, de modo que não conseguissem identificar o seu lugar de origem, além de quebrar vínculos religiosos, comunitários e familiares, com intuito de torná-los um objeto comercial padrão. Ramos (1990) cita como os escravizados eram os anunciados em jornais comerciais:

Apregoando os traços, as características e virtudes dos negros ou negras a venda. Mostrando as vantagens das escolas para crianças, onde meninos e meninas de 8 a 10 anos aprendiam ofícios, para depois serem alugados. Principalmente descrevendo os foragidos, oferecendo pelos procurados altas recompensas. Há classificados vergonhosos, como o de ingressos para ver uma negrinha mostro, com menos de 7 anos e peso de mais de 9 arrobas, ou os que propõem raparigas de bonita figura, sem vícios, jovens amas-de-leite recém-paridas, vendas e compras a granel ou atacado. Há outros, poucos, que chegam a ser simpáticos. Será o caso do amoroso senhor pernambucano, atrás da escrava fugida, que ao descrevê-la se inflama, gasta dinheiro em pormenores avulsos, para concluir: e tem uns olhos tristes. Se já escreveram que a propaganda é a poesia do comércio, nesse caso ela virou drama ou tragédia. A ponto de serem queimados os arquivos da nossa escravatura. (RAMOS, 1990, p.15).

Com o suposto fim da escravidão, a população preta começou a enfrentar outro problema: o preconceito, pois deixou de ser vista como mercadoria e passou a ser, com respaldo da Lei Áurea, um consumidor em potencial, o qual levou aos anúncios em jornais referentes ao comércio de escravos serem subjugados e reavaliados.

⁶ Mahommah G. Baquaqua, *Biography of Mahommah G. Baquaqua. A native of Zoogoo, in the interior of Africa*. Edited by Samuel Moore, Esq. (Detroit: George E. Pomery and Co., Tribune Office, 1854) p. 40-57. Tradução: Sonia Nussenzweig. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=25>. Acesso em 19 mai. 2020.

A escravidão não é apenas um período histórico brasileiro, mas é, também, uma herança e traço da formação social que repercute até os dias atuais. Dessa forma, é essencial que se trace, ainda, um percurso que compreenda os percalços que foram enfrentados nos primórdios da formação social de países colonizados. Assim, destaca-se que,

Com a supressão do tráfico negreiro dera-se, em verdade, o primeiro passo para a abolição de barreiras ao triunfo decisivo dos mercadores e especuladores urbanos, mas a obra começada em 1850 só se completará efetivamente em 1888. Durante esse intervalo de quarenta anos, as resistências hão de partir não só dos elementos mais abertamente retrógrados, representados pelo escravismo impenitente, mas também das forças que tendem à restauração de um equilíbrio ameaçado. Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas (HOLANDA, 2014, p. 92).

No que diz respeito às produções audiovisuais e narrativas televisivas, vários estereótipos são criados em relação à atuação da população preta, como: o escravo, o preto velho, o mártir, o nobre selvagem, o negro revoltado e o crioulo doido (RODRIGUES, 2001), e esses estereótipos fortificam os relacionamentos interraciais, além de hipersexualizar e marginalizar o corpo preto, o que nos leva a acreditar que o racismo vem sofrendo, ainda que de forma indireta, uma manutenção para que não seja olvidado na sociedade.

3.2 Preto, seu lugar já está reservado!

Como forma de reflexão e de validar os questionamentos apresentados anteriormente, podemos citar algumas figuras que representaram a população preta na mídia como forma de trazer à tona evidências retrógradas do colonialismo ainda presente. O ator Antônio Carlos Bernardes Gomes, mais conhecido por Mussum, apesar de ter ficado bastante conhecido por sua atuação em *Os Trapalhões* (1966-1995) fora estereotipado como esmolambado, vagabundo e sem perspectiva. Também, Valéria Valenssa mais conhecida como *A Globeleza*⁷ (1993-2003), que se encaixa ao estereótipo hipersexualizado do corpo preto e traduz uma cultura que se

⁷ Personagem promovida pela emissora de televisão Rede Globo no período de carnaval, durante a cobertura conhecida pelo nome de Carnaval Globeleza.

iniciou desde a época do período colonial, com a exploração sexual das escravas pelos senhores de engenho,

Em nossa sociedade, por intermédio da perpetuação do machismo, são muitos os estigmas em relação à mulher, seja de objeto sexual ou de subserviência. Tais estigmas interferem, na construção da identidade, nos direitos reprodutivos, na sexualidade, na anticoncepção, na maternidade, na posição que ocupa na família, união ou casamento. São acentuados pelo preconceito, seja da região de onde vem essa mulher, seja pela cor de sua pele, seja pela sua idade. Portanto, a questão racial e étnica está profundamente intercruzada com a questão de gênero, seja pela violência da opressão de gênero, seja pelas especificidades que envolvem a vida e as lutas das mulheres negras e indígenas, das trabalhadoras rurais e das migrantes (BENTO, 2004, p. 36).

Nomeadas de *mulatas*, tornando-as um objeto de desejo irresistível e que enlouquece os homens que a veem, podemos citar outras que foram sucessoras, tais como: Gianne Carvalho (2005)⁸, Aline Prado (2006-2013)⁹, Nayara Justino (2014)¹⁰ que houve uma repercussão nas mídias por questões raciais e que, porventura iremos dialogar sobre e a mais recente, Érika Moura (2015-presente)¹¹. Em 2018, Camila Pitanga, uma das mulheres pretas (ou, *mulata*), pioneira a protagonizar telenovelas brasileiras, em uma entrevista para revista *Cosmopolitan* chamou atenção para às questões raciais afirmando: “quando eu digo que a vida negra importa, não relativizo a vida dos brancos. (...) Se continuarmos nos calando, se não gritarmos que essas vidas importam, seguiremos enterrando nossos filhos. Negros excluídos em lugares sem o básico para sobreviver. A única mão que o Estado brasileiro estendeu à população negra, até o momento, é a que nos açoita. No meu país a cor da pele determina quem tem três vezes mais chance de ser assassinado. Que igualdade é essa? Ser brasileiro é exaustivo para todos nós. Ser brasileiro e negro é quase insustentável!”¹². A atriz, ainda que se encontra afastada, desde 2016, mediante a um acordo com a emissora, expõe com um cunho de indignação e sucintamente os principais problemas enfrentados por sua população no território brasileiro.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lvqKwMPyXn4>>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WdNUHKt6Ehg>>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vXrG5askvJ0>>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

¹¹ Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/colunas/afro-igualdade/2018-02-13/globeleza.html>>. Acesso em: 20 de mai. 2020.

¹² Disponível em: <<https://www.otvfoco.com.br/camila-pitanga-faz-desabafo-sobre-igualdade-para-negros-e-dispara-fomos-esquecidos/>>. Acesso em: 20 maio de 2020.

Ainda que as telenovelas não tenham uma exigência pré-estabelecida de representação numa questão decorrente do conceito de verdadeiro e verossímil (janela-espelho), há de ser reconhecível uma preocupação com o fato de que as narrativas devam ser coerentes com o chamando mundo real no que diz respeito à preocupação em apresentarem possibilidades concretas e condizentes às lógicas de ações individuais ou coletivas.

O discurso imagético aqui estudado com uma das teorias de comunicação, chamada de *Agenda Setting*, podemos afirmar que a predominância do poder está nas mãos dos grandes grupos que administram a opinião pública, ou seja, a mídia atua indiretamente, de forma a criar imagens estereotipadas no subconsciente com o objetivo de manipular ou direcionar a opinião da população de modo a não impor como pensar mas sobre o que pensar em certo momento. Ainda em questão de agendamento, destacamos a pesquisa da professora Maria de Lourdes Motter, que fala sobre a relação de temas apresentados em telenovelas, no qual, tangencia conteúdos apresentados nos noticiários (MOTTER, 1999, p.2), o que leva o receptor a estar sempre por dentro de certos assuntos que são convenientes naquele momento.

3.3 Novela e entretenimento: A população preta e seu lugar

Sabendo-se que, no Brasil, a população preta se apresenta em maior quantidade e de modo que elucide a resistência e o peso da população preta quando se coloca em um lugar de destaque, trazemos alguns cenários a serem discutidos.

Em 2013, Nayara Justino foi eleita com 53%¹³ pelo voto popular do público do *Fantástico*¹⁴ que disputara em um concurso para ser a nova Globeleza de 2014, conforme apresenta a Figura 1, porém, sendo comparada as anteriores, foi alvo de racismo na mídia *on-line* por não se enquadrar no estereótipo *mulata*¹⁵, no qual

¹³ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3059046/>>. Acesso em: 23 maio de 2020.

¹⁴ Programa de auditório exibido aos Domingos em horário nobre na TV Globo.

¹⁵ Termo racista criado no período escravocrata para identificar filhos de escravizadas abusadas sexualmente por homens brancos e popularizado para estereotipar mulheres pretas de pele não retinta. O termo é derivação do animal mula, um animal originado do cruzamento de burro com égua.

apresenta características mais semelhantes à branquitude, e por não estar bem produzida.

Figura 1 – Participantes do concurso à nova Globeleza 2014.



Fonte: Reprodução / Facebook Nayara Justino¹⁶

O caso repercutiu no *Twitter* e, apesar de muita gente se mobilizar a favor de Nayara usando a *hashtag* *#somostodosnayara*, conforme Figura 2, a emissora de TV Globo reagiu à situação removendo a vinheta do ar e, durante o período contratual com Nayara, não a chamou para nenhum possível trabalho.

¹⁶

Disponível em:
<<https://www.facebook.com/nayarajustinooficial/photos/a.495987947167141/500273433405259/?type=3&theater>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

Figura 2 – Mobilização de apoio à Nayara Justino no Twitter.



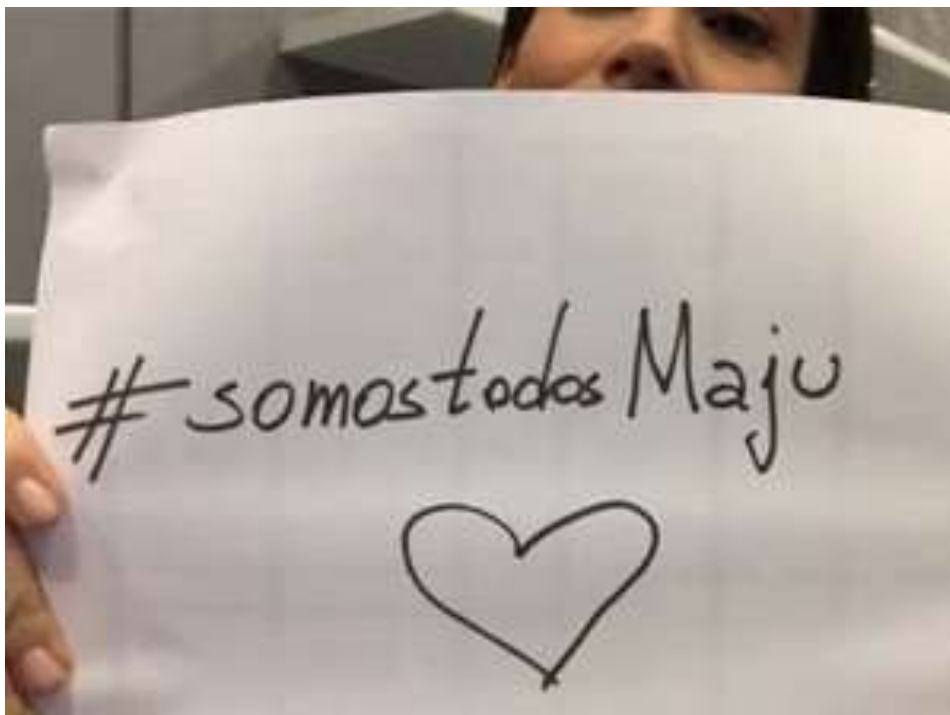
Fonte: Reprodução / Twitter¹⁷

Em 2015, o mesmo se deu com a jornalista e apresentadora da TV Globo, Maria Julia Coutinho, mais conhecida como Maju, que veio a ser alvo de comentários racistas na página do Jornal Nacional no *Facebook*, que provocaram repulsa em grande parte da população do país, porém, ao contrário do caso de Nayara, a emissora reagiu de forma diferente, dessa vez dando total apoio ao caso. Parte da equipe do Jornal Nacional gravou um vídeo, no qual, fora de confronto às ofensas, que foi publicado também no *Facebook*, promovendo a hashtag #somostodosmaju que, porventura, chegou ao topo dos tópicos mais comentados (G1, 2015)¹⁸.

¹⁷ Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/somostodosnayara?src=hashtag_click>. Acesso em: 23 maio de 2020.

¹⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

Figura 3 – Mobilização da Equipe do JN de apoio à Maju Coutinho.



Fonte: Reprodução / Facebook / JN¹⁹

Desde 1989, a Lei 7.716²⁰ define como crime a discriminação pela raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, porém, ao colocar em evidência estes dois casos que não são isolados, é possível perceber que há uma diferença de posicionamento da emissora perante a um possível discurso que, possivelmente, a mesma possa estar disseminando quando não se propõe a conciliar o imaginário real em suas produções. Discurso este que, por meio de diversas ferramentas que falaremos no próximo capítulo, ainda valorizam a matriz de pensamento e comportamento europeu, colocando a população preta ainda à margem da sociedade sanando quaisquer possibilidades de avanço cultural, social, político e econômico.

¹⁹

Disponível em: <<https://www.facebook.com/JornalNacional/videos/835593653197689/?v=835593653197689>>. Acesso em: 23 maio de 2020.

²⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm>. Acesso em 23 mai. 2020.

4 O RACISMO NÃO EXISTE NA TV!

Neste capítulo, em específico, iremos abordar quais os mecanismos que as produções utilizam para condensar a permanência da população preta no que é voltado ao desenvolvimento do entretenimento. Levando em consideração a história da TV no Brasil, questões de classe e da formação da população preta enquanto consumidores de conteúdo, informação e produtos midiáticos, a teoria da *agenda setting*, no qual conteúdos são selecionados para influenciar os indivíduos sobre o que pensar, considerando os históricos imagéticos representativos apontados até o presente momento, é possível realizar uma análise do quão o país está imerso numa lógica de produção de conteúdo audiovisual capitalista, permeado pela subordinação estética, nas quais os modelos são baseados em aspectos culturais eurocentrados. Mesmo que, hipoteticamente, o que esteja sendo representado não seja fiel à realidade, as formas e mecanismos de apagamento e invisibilização se fazem presentes, no qual, repercute drasticamente na produção cultural brasileira.

4.1 Preto, em qual papel estereotipado irá atuar desta vez?

Não existe racismo no Brasil. Esta, com certeza, é a afirmação repetida em território brasileiro que mais se distancia da realidade. *Não existe racismo no Brasil*, mas, dentro do período escravagista, foram importados mais de 3,5 milhões de africanos escravizados, representando uma massiva realocação de contingentes massivos de seres humanos.

O Brasil, em razão da sua dimensão e da ausência de preocupação com a reprodução biológica dos negros, foi o maior importador de escravos das Américas. Estudos recentes estimam em quase 10 milhões o número de negros transferidos para o Novo Mundo, entre o século XV e XIX. Para o Brasil teriam vindo em torno de 3, 650 milhões (SILVA, 2017, p. 374).

Não existe racismo no Brasil, mas, o Brasil foi o último país do continente americano a abolir a escravidão que, ainda, segundo SILVA (2017), inaugurou, coincidentemente, o longo ciclo no processo de marginalização da população preta que, porventura, reflete até os dias atuais. Ao pensarmos na formação de identidade de um indivíduo no Brasil e a contribuição sobre novas perspectivas no que diz respeito ao pós período escravagista, os meios de comunicação, sobretudo a TV, aqui estudado, como um dos meios mais utilizados para informação são

responsáveis por contribuírem de forma positiva para o crescimento e formação social dos indivíduos, no qual, traz uma reflexão da representação de todos enquanto seres humanos. Em contrapartida, o que vemos em relação a população preta, é somente a sua não existência e quando existe, é somente pela imagem negativada, o que reforça no imaginário social cada vez mais a ideia de não pertencimento.

Donald Bogle (1973) fala a respeito de cinco principais estereótipos pré-estabelecidos na indústria cinematográfica norte americana, à saber: *pai Tomás, malandros, mulata trágica, mães pretas e mal-encarados*. Ainda que o processo de formação do Brasil se deu em contexto diferente aos norte-americanos e, talvez, as nomenclaturas especificadas por Bogle sofra algumas mudanças, podemos coincidir de relacionar com mesmos processos de estereótipos construídos no Brasil. Ao pensar no preto e a sua imagem refletida no audiovisual, causando um impacto positivo ou negativo ao espectador, podemos observar, a partir de um estudo histórico que o audiovisual foi – e ainda o é – responsável por disseminar as múltiplas facetas do racismo no que diz respeito aos estereótipos representativos da figura da população preta.

O sistema colonial trouxe consigo marcas históricas que tiram quaisquer oportunidades de crescimento da população preta reduzindo “as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (HALL, 2016, p.190). Em 1969, inaugurou-se o famoso *blackface*²¹ nas telinhas do Brasil, na Rede Globo, quando foi ao ar a telenovela, ainda que produzida em preto e branco, baseada no romance homônimo *Uncle Tom's Cabin* de Harriet Beecher Stowe, *A Cabana do Pai Tomás*, no qual, um ator branco, à saber: Sérgio Cardoso, influenciado diretamente pelos patrocinadores na época, Colgate-Palmolive, fora selecionado para interpretar o papel principal – o escravo Tomás, juntamente com Ruth de Souza²², atriz escalada para contracenar como sua esposa, a Tia Cloé (MEMÓRIA GLOBO).

²¹ *Blackface* é uma técnica racista utilizada inicialmente no início do cinema americano, no qual, atores brancos eram pintados de preto salientando à todo tempo ao espectador que a alma branca estaria sob a pele preta.

²² Primeira atriz preta a protagonizar uma telenovela no Brasil.

Figura 4 – Sérgio Cardoso e Ruth de Souza em *A Cabana do Pai Tomás*, 1969.



Fonte: Reprodução / Acervo Globo²³

Ainda que a *telinha* apresentasse um casal racial, aos olhos dos espectadores, não escalaram um representante preto para a interpretação do personagem principal – que impulsionara o movimento abolicionista nos Estados Unidos. Sérgio Cardoso, o ator branco, ainda fez mais dois personagens nesta telenovela, a saber: Dimitrius e o presidente Abraham Lincoln, que aboliu a escravidão nos Estados Unidos. *A Cabana do Pai Tomás* fora carregada de preconceito e racismo, pois, com o *blackface*, foi encarnado num contexto imagético e ilusionista positivo, o que pessoas brancas poderiam ter de pessoas pretas: a alma branca. DIJK pontuou:

Não se trata de uma avaliação estética superficial, mas de uma simples regra comum que resume uma generalização profunda da hierarquia social e da dominação, segundo a qual, para maior aspecto físico europeu, há mais possibilidades de êxito e prestígio social em todos os setores, político, empresarial, educativo, e etc, enquanto os 'outros' permanecem relegados aos cargos mais inferiores ou aos níveis mais baixos da hierarquia. (DIJK, 2003, p.111)

DIJK nos fala sobre os *outros*, mas, o que seriam estes *outros*? Dentro do recorte feito para esta análise, os *outros* são os indivíduos pretos, em que,

²³ Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-cabana-do-pai-tomas/>>. Acesso em: 16 set de 2020.

categoricamente, classificaram tudo que não se enquadra nas normas hegemônicas, ou seja, à branquitude, são tidos como distintos. É nessa lógica que “o poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente em ‘outro’ e ainda inteiramente conhecível e visível” (BHABHA, 1992, p.189).

Em 2004, tivemos a primeira telenovela, em cores, que apresenta uma protagonista preta na Rede Globo: “Da Cor do Pecado”. É importante ressaltar que o nome pejorativo, ofensivo e racista que se intitula a produção já diz muito a respeito do lugar onde a comunidade preta deve se colocar – o inferior, pois a cor de sua pele estaria sendo associada à desobediências divinas. Excepcionalmente neste contexto a expressão racista estava ligada a personagem Preta, que trazia consigo um conjunto de experiências dando voz a figura estereotipada num imaginário social brasileiro que pavimenta o lugar do feminismo preto no Brasil. Gilberto Freyre (1933) fala a respeito de uma hierarquia entre as mulheres: “*branca pra casar, mulata para fornicar e preta para trabalhar*”, no qual, se torna representativa sobre como as mulheres, sobretudo, as mulheres pretas que têm o corpo mais hipersexualizado são enxergadas neste imaginário social brasileiro que, potencializa cada vez mais uma estrutura ainda arraigada que pensa sobre os diferentes lugares de ocupação não só entre as mulheres mas, entre indivíduos brancos e pretos no geral.

Figura 5 – Taís Araujo e Reynaldo Gianechini em Da Cor do Pecado, 2004.



Fonte: Reprodução / Acervo Globo²⁴

²⁴ Disponível em: < <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/da-cor-do-pecado/>>. Acesso em: 29 set de 2020.

Representada por Taís Araujo²⁵, a personagem principal, Preta, uma moça feirante, se relaciona com Paco, personagem representado por Reynaldo Gianecchini, um homem branco tendo como fio condutor da trama o relacionamento inter-racial, dando cada vez mais ênfase a afirmação inicial: *Não existe racismo no Brasil*. Preta representa o esteriótipo da mulher preta, pobre e trabalhadora, enquanto Paco, o homem branco de classe media-alta. Deste modo, fica evidente que a não contribuição para um espaço, no qual, deve-se dialogar sobre um modelo democrático para relações étnicas é real.

Os papéis representados por pessoas pretas na teledramaturgia continuam a reforçar uma não-verdade que refletem na sociedade condições estereotipadas e pré-estabelecidas por pessoas pretas. Em 2012 foi levada ao ar a telenovela *Avenida Brasil* que, reforçou esteriotipos ligados à pessoas de pele preta. Como a temática central da trama era muito mais atraente aos olhos do espectador, os papéis destinados aos personagens de pele preta passaram despercebidos. Dentre o elenco, podemos destacar Cacau Potássio, interpretando a personagem Zezé, que teve um sucesso de atuação porém, interpretou uma empregada doméstica servil e engraçada, porém fofqueira e enxerida que, existia para fazer o publico rir – o famoso racismo recreativo.

²⁵ Primeira protagonista preta de uma novela contemporânea e urbana.

Figura 6 – Cacau Potássio como Zezé em Avenida Brasil, 2012.



Fonte: Reprodução / Acervo Globo

Neste mesmo ano (2012), foi ao ar no programa de entretenimento humorístico da Rede Globo, o *Zorra Total*, que teve um novo personagem interpretado pelo ator Rodrigo Sant'anna, personagem este que foi criado e movimentado todo por um esteriótipo. A personagem nomeada de Adelaide, além de utilizar a técnica racista *blackface*, era uma mulher preta, pobre e demonizada, sempre ridicularizada reafirmando o esteriótipo de *preta feia*.

Figura 7 – Rodrigo Sant’anna como Adelaide em Zorra Total, 2012.



Fonte: Reprodução / Acervo Globo

Deste modo, o racismo recreativo se apropria do humor para salientar ainda que de forma velada, preconceitos em relação a população preta propagando discursos que imprimem ideias e valores refletindo a moralidade de uma sociedade sobre quem merece ou não respeito. Neste sentido, MOREIRA (2019), expõe:

O racismo recreativo existe dentro de uma nação altamente hierárquica e profundamente racista que formulou uma narrativa cultural de cordialidade racial. Ele reproduz estigmas raciais que legitimam uma estrutura social discriminatória, ao mesmo tempo que encobre o papel essencial da raça na construção das disparidades entre negros e brancos. (CARTA CAPITAL, 2019)²⁶

É de suma importância levar em consideração com qual frequência pessoas pretas vem representando tipos certos de personagens, pois ainda que ilusoriamente troque o papel, as pessoas pretas nunca saíram de lugares estereotipados, reforçando no imaginário do telespectador o que fora construído no

²⁶ Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/justica/adilson-moreira-o-humor-racista-e-um-tipo-de-discurso-de-odio/>>. Acesso em 26 out. 2020

período escravocrata: pretos só podem existir enquanto fizerem parte de uma classe subalterna.

4.2 Discurso imagético: A Escrava Branca (Escrava Isaura)

Escrava Isaura, uma obra literária, teve duas adaptações para televisão, sendo a primeira exibida na Rede Globo, em 1976 que fora protagonizada por Lucélia Santos e a segunda na TV Record em 2004, com Bianca Rinaldi como protagonista. O romance, pertencente a um movimento literário romântico brasileiro, acontece no período de campanha abolicista, em 1875, e gira em torno de uma história de uma escrava branca, filha de uma ex-escrava de pele não retinta.

Figura 8 – Luceia Santos em *Escrava Isaura*, 1976.



Fonte: Reprodução / Acervo Globo²⁷

A personagem foi interpretada por duas atrizes, como pode ser visto nas Figuras 08 e 09.

²⁷ Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/escrava-isaura/>>. Acesso em: 29 set de 2020.

Figura 9 – Bianca Rinaldi em *Escrava Isaura*, 2004.



Fonte: Reprodução / Divulgação TV Record²⁸

Sucesso de audiência em ambas as versões e, ainda, em algumas reprises (UOL)²⁹, a telenovela fora exibida e premiada até mesmo fora do país³⁰. Analisando o contexto do roteiro da novela, no qual, tiveram a oportunidade perpassar a verdadeira realidade histórica sofrida no período escravagista, ainda que apesar de ser uma escrava branca com sangue preto, abordou uma historia singular utópica que sobressaiu sobre a historia real dos escravizados de pele preta pois, excepcionalmente nesta trama, o discurso propagado a todo momento era para trazer à memória os seus privilégios enquanto escravizada: suas qualidades, aptidões, riqueza intelectual e por ser de pele branca ainda que, passasse por todos os abusos incongruentes que uma escravizada passara naquela época.

No entanto, a produção da narrativa da história de *Escrava Isaura* era inserida num contexto social com uma ideia de que pessoas de pele branca também poderiam estar na condição de escravizados. Aumont (1993) enfatiza que, assim

²⁸ Disponível em: < <https://rd1.com.br/escrava-isaura-derrapa-e-faz-fofocalizando-vencer-record/>>. Acesso em: 29 set de 2020.

²⁹ Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/listas/5-razoes-que-explicam-sucesso-de-reprise-de-a-escrava-isaura-na-record.htm>>. Acesso em: 10 out. de 2020.

³⁰ Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/novidades/novelas/noticia/2011/10/voce-sabia-escrava-isaura-ja-foi-exibida-cinco-vezes-so-na-alemanha.html>>. Acesso em: 10 out. de 2020.

como o espectador constrói a imagem, a imagem também constrói o espectador, no qual, salienta cada vez mais que o país trazia um contexto de miscigenação, atribuindo um valor de representação através da personagem. Neste sentido,

Reconhecer alguma coisa em uma imagem é identificar pelo menos em parte o que nela é visto com alguma coisa que se vê ou se pode ver no real. O trabalho do reconhecimento aciona não só as propriedades “elementares” do sistema visual, mas também capacidade de codificação já bastante abstrata. Reconhecer não é constatar uma similitude ponto a ponto, é achar invariantes da visão, já estruturados, para alguns, como espécie de grandes formas. O reconhecimento proporcionado pela imagem artística faz parte do conhecimento, mas encontra também a expectativa do espectador, podendo transformá-las ou suscitar outras: o reconhecimento está ligado à rememoração (AUMONT, 1993, p. 82)

Escrava Isaura trazia um novo formato de pensar sobre o período escravagista por apresentar em sua trama central uma escrava branca, além de também trazer à tona um discurso sobre o processo de libertação, que foi um processo formalizado somente por brancos, o que também reforça o discurso imagético estereotipado do *héroi-branco*, no qual, têm pessoas brancas sempre como os salvadores desconsiderando quaisquer movimentações da população preta quanto ao seu povo. Vale ressaltar que, a *Escrava Isaura*, só foi escravizada por ter sangue preto e mesmo que ela ainda estivesse nesta posição, ainda se sobressaia aos escravizados de pele preta.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO: SEGUNDO SOL E A BAHIA BRANCA DA GLOBO

A novela *Segundo Sol*, do autor João Emanuel Carneiro, que foi produzida e exibida pela Rede Globo em 2018, no horário nobre – mais conhecido como a hora da *novela das nove*, foi alvo de críticas antes mesmo de seu lançamento, causando polêmicas nas redes sociais por conta da ausência de pessoas pretas em seu elenco, visto que, Salvador, no Estado da Bahia, foi a cidade escolhida para protagonizar toda a trama.

Na época em que a telenovela *Segundo Sol* foi ao ar, a Bahia já era um dos estados onde mais de 80% da população se autodeclarava negra, sendo 60% pardos e 21,4% pretos, sendo que isso leva a cidade de Salvador como a capital mais preta do Brasil (com mais pessoas autodeclaradas pretas) e a terceira capital quando se inclui pessoas pardas, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do IBGE.

Sabe-se que, em se tratando de dramaturgia, não é uma obrigatoriedade o cenário fictício ter uma verossimilhança com o cenário real, porém, é de se esperar que tenha uma certa coerência. O processo de embranquecimento, mais conhecido como *Whitewashing*³¹ pela indústria cinematográfica para que nenhuma honra ou mérito se enquadre ao povo preto relacionando que a ascensão esta sempre ligada ao povo de pele branca não é um caso único e exclusivo desta produção. O time escalado para compor o elenco da novela era majoritariamente branco e esse fato se tornou incoerente com o contexto apresentado, já que muitas pessoas questionaram os padrões apresentados pela novela à época.

Dentre os personagens de maior destaque na novela, no núcleo principal, temos o número de 35 atores que formam o elenco. Dentre esses 35, apenas 5 são atores pretos de pele retinta, sendo eles: João Acaiabe – como Pai Didico (pai de santo, dono de um terreiro e viúvo), Fabricio Boliveira – como Roberval (filho da empregada foi fruto de uma traição de um relacionamento entre sua mãe e o patrão

³¹ Termo utilizado na indústria cinematográfica para designar produções culturais que substituem pessoas de outras etnias (pretos, latinos, asiáticos e etc) por pessoas brancas. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/09/o-que-e-whitewashing/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

branco), Roberta Rodrigues – como Doralice (uma mãe de família, modelo de dona de casa, tem um relacionamento inter-racial e é uma esposa maravilhosa, porém ciumenta e possessiva, filha de um pai de santo mas nega a todo tempo suas origens), Cláudia Di Moura – com Zefa (empregada de uma família branca e bem sucedida e que teve relações sexuais com o seu patrão) e o jovem Dan Ferreira – como Acácio (capoeirista, tem um relacionamento inter-racial e só amigos brancos), ou seja, muito menos de 50% do elenco³² e ainda, infelizmente, o pouco que representa a parcela majoritária atual fora carregado de estereótipos já pré-estabelecidos, ocupando papéis secundários e quase sempre em um lugar inferior, seja cultural, social ou intelectual.

Neste sentido, Fanon (2008) pontua:

Nas profundezas do inconsciente europeu elaborou-se um emblema excessivamente negro, onde estão adormecidas as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis. E como todo homem se eleva em direção à brancura e à luz, o europeu quis rejeitar este não-civilizado que tentava se defender. Quando a civilização europeia entrou em contacto com o mundo negro, com esses povos selvagens, todo o mundo concordou: esses pretos eram o princípio do mal (Fanon, 2008, p.161)

A questão da ausência de atores e atrizes pretos em produções audiovisuais não é uma questão única e exclusiva da Rede Globo, ou desta produção em específico. Obviamente que, ter pessoas pretas mais inseridas em papéis de destaque nas telenovelas não resolverá as questões raciais no país, porém, é de se esperar que haja uma contribuição acerca disso para que também tenha espaço para o debate e discussão.

Conforme (re)visitado ao longo deste trabalho, pudemos observar e comprovar que é essa uma problemática eurocentrada intrínseca e que vem sendo perpetuada como prática durante a muito tempo e, também, em outras emissoras. Mas, há de se questionar o motivo pelo qual pessoas pretas não são escaladas no mesmo nível quantitativo de pessoas brancas, sobretudo, pessoas pretas de pele retinta, que são ainda menos “apresentáveis” no imaginário social em produções de TV, visto que estes se distanciam da identificação e semelhança com a branquitude.

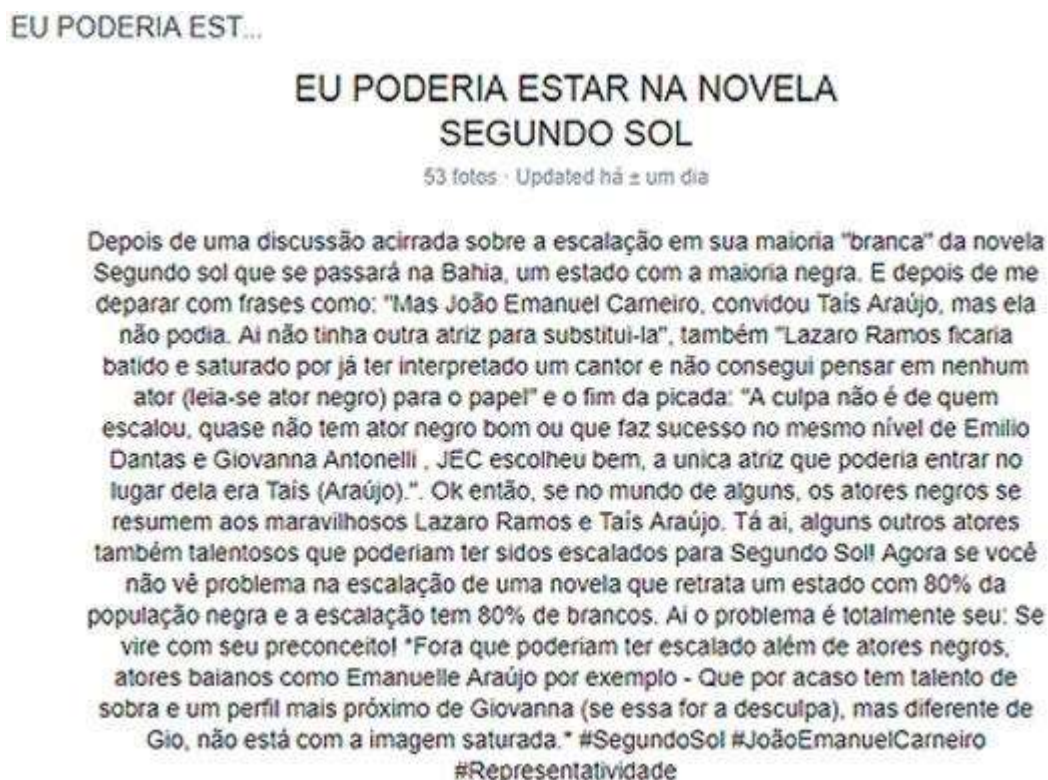
³² Disponível em: <<https://gshow.globo.com/novelas/segundo-sol/personagem/>>. Acesso em: 10 out. de 2020.

Podemos, nesse sentido, assimilar o conceito de *tokenismo*³³ a estas produções, já que, levando em consideração o cenário atual da produção audiovisual e os questionamentos sobre essas representações, que bombardeiam as redes sociais on-line, hoje em dia, se faz necessário a inclusão social em diversos âmbitos para que uma produção, empresa e/ou produto seja politicamente aceito na sociedade.

Na época, uma página do Facebook chamada *Trick Tudo* disparou uma movimentação intitulada “*Eu poderia estar na novela ‘Segundo Sol’*” em uma de suas publicações, repudiando toda essa questão de seleção do elenco listando mais de 50 atores pretos que poderiam compor o núcleo representativo da novela, por estarem aptos em suas competências como atores, dentre eles, estavam presentes: Camila Pitanga, Marcelo Mello Júnior, Jessica Hellen, Sérgio Menezes, Rocco Pitanga, Sheron Menezes, Helsaine Vieira, Adriana Lessa, entre outros. Pessoas que já atuaram em novelas de grande peso de audiência.

³³ Tokenismo é a prática de fazer apenas um esforço superficial para inclusão de minorias, recrutando um número de pessoas de grupos sub-representados para trazer a ideia de igualdade racial ou sexual dentro de uma empresa ou produto.

Figura 10 – Print da postagem da página do facebook Trick Tudo.



Fonte: Reprodução / NaTelinha UOL³⁴

A publicação acabou viralizando na rede social e, ainda, segundo o site, em menos de três dias, mais 25 mil pessoas curtiram esta publicação. Em contrapartida, a emissora Rede Globo emitiu uma nota pondo em questão que até tentou escalar atores negros como: Tais Araujo e Camila Pitanga, porém, estas recusaram o convite por estarem participando de outra produção. Com isso, o Ministério Público do Trabalho (MPT) enviou uma notificação recomendatória de 12 páginas à emissora por falta de representação racial por meio da Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidade e Eliminação da Discriminação no Trabalho (Coordigualdade), que porventura citou a nota emitida pela emissora anteriormente com 14 recomendações que deveriam ser cumpridas dentro de um prazo de 45 dias, sendo descumpridas, a tratativa seria uma ação judicial ou

³⁴ Disponível em: < <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2018/04/29/ausencia-de-negros-em-segundo-sol-motiva-movimento-com-mais-de-26-mil-curtidas-116454.php#>>. Acesso em: 10 out de 2020.

inobservância de norma de ordem pública de acordo com Lei 7.347/85, artigos 5º e 6º (VEJA)³⁵.

Em análise ao discurso propagado pela produção e toda a polêmica que a envolveu, podemos levar em consideração, novamente, o que estamos, exatamente, dialogando: o processo de deculturação, por meio do qual vem minando, desde muito tempo, o imaginário do telespectador a crer num padrão estético branco majoritário ilusório e não-representativo. Uma pesquisa de 2014 revelou que os perfis considerados ideais para atuação vem se mantendo constante durante os anos. As novelas globais em média possuem 90% de atores brancos sendo que apenas 10% compõe o quadro de atores pretos (GEMAA, 2014).

Figura 11 – Média dos personagens brancos por ano.



Fonte: Reprodução / GEMAA, 2014³⁶

³⁵ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/segundo-sol-ministerio-publico-notifica-globo-por-representacao-racial/>> Acesso em: 10 out de 2020.

³⁶ Disponível em: <<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico3/>> Acesso em: 16 out de 2020.

Este cenário foge completamente do cenário atual do Brasil, como mostra a Figura 11 e 12.

Figura 12 – Média dos personagens brancos e pretos.



Fonte: Reprodução / GEMAA, 2014³⁷

Abdias do Nascimento³⁸, uma pessoa multifacetada: ator, diretor e dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos da população preta no Brasil, na década de 40, já havia identificado esta problemática, a ausência de pessoas pretas em produções artísticas. Em busca de contribuir e promover a valorização dos seus, resolveu criar o *Teatro Experimental do Negro* (TEN)³⁹, no qual, teve como principal objetivo a inclusão de artistas afrodescendentes no movimento teatral no Brasil.

[...] Na tentativa de contrapor a essas forças de postergação da raça negra uma barreira social, o Teatro Experimental do Negro (TEN) formou um corpo de atores e atrizes negros, os primeiros que jamais existiram fora dos estereótipos mencionados antes. Paralelamente o TEN não negligenciou a criação de textos dramáticos nos quais se remetia a experiência negro-

³⁷ Disponível em: <<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico3/>> Acesso em: 16 out de 2020.

³⁸ Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359885/abdias-do-nascimento>> Acesso em: 16 out de 2020.

³⁹ Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399330/teatro-experimental-do-negro>> Acesso em: 16 out de 2020.

africana. Nesses textos o afro-brasileiro poderia ver refletida, com respeito, sua personalidade humana. Um teatro que reconheceria sua dignidade como ser humano como negro (NASCIMENTO, 1978, p.163).

No que diz respeito à influencia das produções audiovisuais, Motter (2003) enfatiza:

A telenovela pode ser considerada, no contexto brasileiro, o nutriente de maior potência do imaginário nacional e, mais que isso, ela participa ativamente na construção da realidade, num processo permanente em que ficção e realidade se nutrem uma da outra, ambas se modificam, dando origem a novas realidades, que alimentarão outras ficções, que produzirão novas realidades. O ritmo dessas transformações passa a ser a questão (MOTTER, 2003, p.174).

A autora elucida a tamanha influência que tem uma produção audiovisual, que é carregada, ainda que de forma velada, de alguma afirmação ou ideologia de pensamento. Há de se perguntar, qual a mensagem escondida que o autor da telenovela queria emitir, sob o embasamento da teoria da *Agenda Setting*, se o mesmo não queria que quem recebesse a mensagem, não pensasse em uma capital (Salvador) majoritariamente branca.

Porventura, o mesmo autor⁴⁰ de *Segundo Sol*, é o mesmo autor de *Avenida Brasil* e *Da Cor do Pecado* – novelas que foram carregadas de estereótipos e que destrinchamos acima. É de se ver, que ainda, mesmo depois de exatos 14 anos e depois de tantos acontecimentos no que diz respeito a representatividade da população preta e luta antirracista, o discurso eurocentrado ainda vem sofrendo manutenção por parte da produção, refletindo no elenco e perpetuando na sociedade.

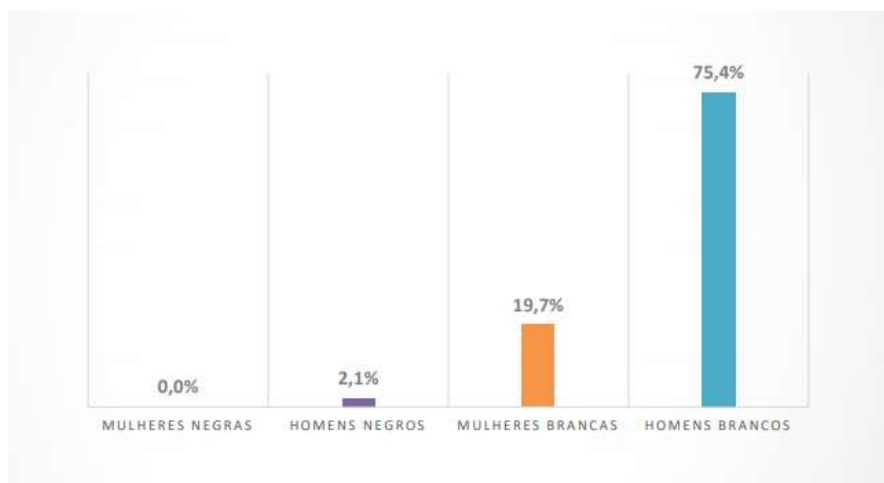
Valter, youtuber no Canal Valter Rege e cineasta fala sobre a realidade de um diretor e roteirista no Brasil em um vídeo para o Canal Preto⁴¹, no qual, expõe a sua indignação quanto ao crescimento do número de homicídios e encarceramento cessando qualquer oportunidade da população preta se ver representada. No vídeo, o cineasta também elucida um estudo sobre Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016, divulgada pela Agência Nacional do Cinema

⁴⁰ Disponível em: <<http://teledramaturgia.com.br/joao-emanuel-carneiro/>> Acesso em: 15 out de 2020.

⁴¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4qNpoHNhIZs>> Acesso em: 15 out de 2020.

(Ancine), no qual aponta que os homens brancos continuam a comandar o cinema nacional.

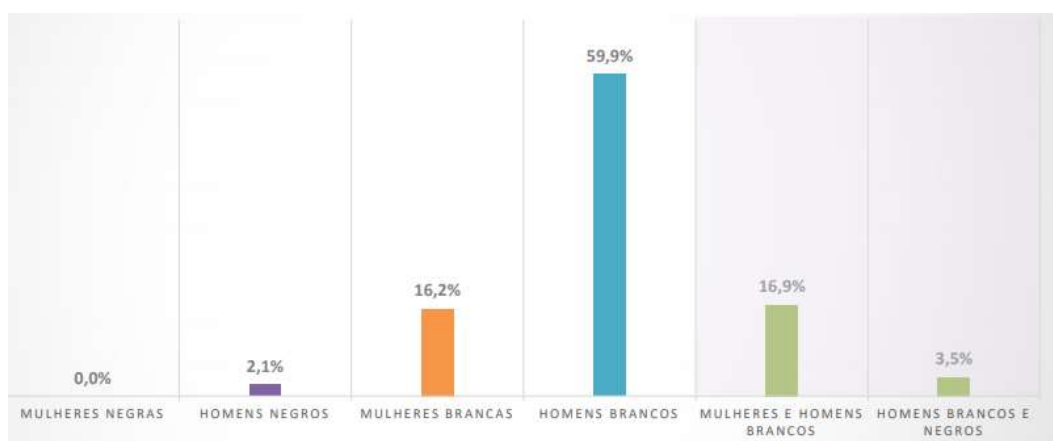
Figura 13 – Números de diretores.



Fonte: Reprodução / Acne, 2016

A pesquisa⁴² mostra que os homens brancos são a maioria entre os produtores, diretores e ainda, nos elencos, conforme mostra a Figura 13 e 14:

Figura 14 – Números de roteiristas.



Fonte: Reprodução / Acne, 2016

⁴²

Disponível em: <https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20Diversidade%20FINAL%20EM%2025-01-18%20HOJE.pdf> < Acesso em: 16 out de 2020.

Ainda, aponta que a presença de um diretor ou roteirista preto é uma das maiores chances para que na produção também conte com pessoas pretas no elenco. Ou seja, já foi percebido que há um problema à ser debatido, (re)construído e confrontado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema escravagista adotado em séculos passados deixou marcas profundas na sociedade. Levando em consideração a hipótese principal, proposta no início desta pesquisa, por meio de um levantamento histórico de produções midiáticas que envolvem a figura representativa da população majoritária no Brasil em consonância com análise do discurso em seu caráter não-verbal é possível confirmar a problemática apontada, no qual, TV ainda é composta por uma estética elitista e eurocentrada, onde, ainda a predominância que se apresenta nas telas não é correspondente à situação atual que representa a população no Brasil.

Discussões sobre o lugar da população preta no Brasil não é só pauta de tempos presentes. Com a noção de que esta é uma problemática que ocorre há muito tempo e, relacionando-a com a produção da novela *Segundo Sol*, e se tratando da trama, no qual, é o estado que apresenta maior numero de pessoas pretas, o que nos leva a pensar que a diversidade racial e cultural transformam-se num paradoxo de um país branco, é necessário o questionamento, no sentido discutir, analisar e compreender, para que seja possível, assim, exigir mudanças que propaguem mais coerência.

O racismo é real e, ainda que de forma velada, está presente no cotidiano de todo brasileiro. Cabe a sociedade entender que esta é uma problemática que não só envolve a população preta mas, sim, uma responsabilidade de todos. A mídia, enquanto veículo de disseminação de ideias que reflete mudanças e permanências numa realidade imagética na população brasileira, precisa compreender que não estamos vivendo em tempos passados, onde, pessoas pretas eram tidas como inferiores e escória, mas, se sensibilizarem e agir para que a mudança possa acontecer de forma gradativa.

É importante levar em consideração a luta do *movimento preto*, que vem em constante crescimento e acontecendo dia após dia, em busca de mais representatividade, seja nos lugares, em escolas, em empresas, profissões e até mesmo, em produção artísticas e audiovisuais e também, a importância de realizar estudos envolvendo o racismo no Brasil, visto que é um problema à se resolver no país, em paralelo aos meios de comunicação, uma análise em âmbito histórico,

social e cultural, uma vez que ainda se encontra latente nos dias atuais, afim de promover discussão e dialogo, torna-se fundamental desenvolver conteúdos acadêmicos referentes ao tema. Ainda, é de se esperar que não exista mais produções, no qual, roubem a cultura, os traços, a identidade de um povo, assim como *Segundo Sol* para que possamos nos manifestar enquanto população brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Anna Thereza. **Relembre as Globelezas do Carnaval da Globo**. 04 de mar. de 2014. Disponível em < <https://www.guiadasemana.com.br/tv-e-famosos/noticia/relembre-as-globelezas-do-carnaval-da-globo>>. Acesso em: 20 mai. de 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

Atlas Censo Demográfico. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

AUMONT, J. **A Imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

Falta REPRESENTATIVIDADE NEGRA no CINEMA BRASILEIRO! - Valter Rege - Canal Preto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4qNpoHNhIZs>>. Acesso em: 15 out. 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51º ed, rev. São Paulo: Global, 2006.

G1. TV é o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar, e internet de 26%, diz pesquisa. 24 de jan. de 2017. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

GLOBO se pronuncia sobre ter poucos atores negros em “Segundo Sol. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/detalhe/noticia/globo-se-pronuncia-sobre-ter-poucosatores-negros-em-segundo-sol/>>. Acesso em: 25 out. 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras. 26 ed. 1995.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos.** 1 ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LARA, Hunold Silvia (apr.). Biografia de Mahommah G. Universidade Estadual de Campinas. BAQUAQUA, Mahommah G. Baquaqua, ***Biography of Mahommah G. Baquaqua. A native of Zoogoo, in the interior of Africa.*** Edited by Samuel Moore, Esq. (Detroit: George E. Pomery and Co., Tribune Office, 1854) p. 40-57. Tradução: Sonia Nussenzweig. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=25>. Acesso em 19 mai. 2020.

MACHADO, Priscila. **Bahia apresenta o maior número de negros.** Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/1546867-bahia-apresenta-o-maior-numero-denegros>>. Acesso em: 25 out. 2020.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2017.

MINISTÉRIO Público do Trabalho. **Notificação Recomendatória/DIP/PRT1ª/Nº 163.181/2018.** Rio de Janeiro, 2018.

MOREIRA, Adilson José. **Racismo Recreativo.** 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.

MOTTER, Maria Lourdes. Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela. São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura _ Ficção Televisiva, 2003.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do Corpo Negro**. 1998. 146 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República - SECOM. **Pesquisa Brasileira de Mídia: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Disponível em <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

SOUZA, Tania. **Discurso e imagem**: Perspectivas de análise não verbal. 2º Coloquio Latinoamericano de Analistas Del Discurso, La Plata e Buenos Aires, 1977. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/277831918_Discurso_e_imagem_Perspectivas_de_analise_nao_verbal>. Acesso em: 20 mai. 2020.